Os heróis que espalharam a capoeira pelo mundo - e influenciaram até o breaking

ALEKSANDRA MINIC

Jelon Vieira (com braços elevados) em apresentação de capoeira nos anos 1970

João Fellet e Felix Lima

Enviados da BBC News Brasil a Salvador

8 agosto 2024

O Brasil não terá representantes na disputa de breaking nos Jogos de Paris, mas capoeiristas brasileiros tiveram um papel importante na consolidação do esporte que fará sua estreia em Olimpíadas nesta sexta-feira (9/8).

No fim dos anos 1970 e início dos 1980, os capoeiristas baianos Jelon Vieira e Loremil Machado viviam em Nova York, onde davam aulas de capoeira e se apresentavam em shows.

Uma amiga então os convidou a se exibir em uma escola pública no Bronx, bairro nova-iorquino considerado o berço moderno do breaking.

"Era uma área bem perigosa", conta à BBC Jelon Vieira, hoje com 71 anos. Ele diz que os alunos - na maioria negros ou latinos praticantes de breaking - assistiram em êxtase à apresentação de capoeira, misto de dança e luta legado por africanos escravizados e seus descendentes no Brasil.

"Loremil era fantástico", diz Jelon sobre as habilidades de seu parceiro, morto em 1994. "E ele era muito bonito. [Vendo] o corpo dele, dava pra estudar anatomia."

Matérias recomendadas

3 fatos fascinantes sobre o rio Sena, protagonista da abertura dos Jogos Olímpicos e da história da França

Por que Jogos Olímpicos deixaram de ser celebrados por quase 15 séculos

Olimpíada de Paris: as fotos que revelam gestos emocionantes de espírito olímpico

Atleta do breaking que virou meme em Olímpiada diz que críticas foram 'devastadoras'

Jelon diz que os estudantes ficaram impressionados com os movimentos e, após a exibição, tentaram imitá-los.

Começava ali um intercâmbio que duraria muitos anos e que, segundo Jelon, fez com que o breaking incorporasse vários movimentos da capoeira, entre os quais o pião de cabeça, o relógio e o pião de mão (nos quais o praticante rodopia apoiado em diferentes partes do corpo).

GETTY IMAGES

Apresentação de breaking no bairro do Bronx, em Nova York, em 1984

A relação entre a capoeira e o breaking já foi citada pelo jornal The New York Times. Em 1989, Jon Pareles, chefe da editoria de artes do jornal, definiu a capoeira como "uma dança de artes marciais que antecipou o break dancing".

Mestre Jelon diz que chegou a ser descrito pela imprensa americana como o "pai do breaking", mas rejeita o título. "Eu não criei o break dance, mas contribuímos com ele", diz.

Para Jelon, ainda que o breaking moderno tenha surgido em Nova York, o esporte é "mais um presente da África para o mundo".

Ele diz ter reforçado sua convicção ao ver o documentário "The North Rejoices", de 1959. Nele, moradores de uma aldeia na Nigéria executam vários movimentos semelhantes aos do breaking moderno.

Sucesso da capoeira em Nova York

Mas o papel da capoeira em Nova York vai bem além de sua influência no breaking. Uma pesquisa no Google hoje revela a existência de 22 academias de capoeira na cidade.

Além disso, várias escolas públicas nova-iorquinas oferecem a modalidade - ago incomum em cidades brasileiras, segundo mestre Jelon.

Ele conta que a capoeira lhe abriu portas para que também se tornasse coreógrafo nos EUA. Jelon é fundador de uma companhia de dança (DanceBrazil), e já coreografou musicais da Broadway e filmes de Hollywood, como Brenda Starr (1989), estrelado por Brooke Shields, e Boomerang (1992), com Eddie Murphy.

Grandes feitos para quem chegou a Nova York aos 22 anos de idade sem falar inglês.

Nascido em Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, e criado por uma mulher negra, viúva e mãe de sete filhos, Jelon aprendeu capoeira aos 10 anos no Engenho Velho de Brotas, bairro de Salvador para onde a família se mudou na sua infância.

Até que, durante a ditadura militar (1964-1985), uma notícia o chacoalhou: três amigos desapareceram após colar panfletos políticos nas ruas para ganhar uns trocados.

"Eu me revoltei com aquilo, disse 'não quero mais ficar no Brasil'. Eu lembrei que eu era capoeirista, e aquela

Novo podcast investigativo: A Raposa

Uma tonelada de cocaína, três brasileiros inocentes e a busca por um suspeito inglês

Episódios

era a minha única salvação", conta.

ALEKSANDRA MINIC

Mestres Jelon Vieira (à esq.) e João Grande (ao fundo) durante expedição do Grupo Viva Bahia, nos anos 1970

Jelon sabia de um grupo em Salvador que estava contratando capoeiristas para apresentações de cultura afro-brasileira no exterior, o Viva Bahia, coordenado pela etnomusicóloga Emília Biancardi.

Ele fez um teste e passou. Em 1974, integrou uma expedição que tinha entre seus integrantes um dos capoeiristas mais conhecidos do Brasil na época, mestre João Grande, com quem seu caminho voltaria a se cruzar adiante.

A viagem incluiu apresentações em vários países da Europa e no Irã, na época uma monarquia comandada pelo xá Reza Pahlavi (1919-1980). "Fizemos um show para família real e convidados. Era coisa de sonhos", ele recorda.

No dia seguinte à apresentação para o xá, Jelon conta que o grupo se exibiu para o "povão" iraniano em um teatro lotado. Ele diz que o público foi ao delírio quando os capoeiristas entraram em cena. "Eles não estavam acostumados a ver homens sem camisa e ficaram doidos", conta.

A viagem, porém, quase termina em tragédia: uma dançarina do grupo foi apedrejada ao caminhar por Teerã com um vestido que deixava o corpo à mostra. Jelon diz que a jovem chegou a ser hospitalizada por causa dos ferimentos, mas se recuperou.

CENTRO DE REFERÊNCIA EMÍLIA BIANCARDI

Capoeiristas e artistas brasileiros do Grupo Viva Bahia durante expedição nos anos 1980

Primeira escola de capoeira fora do Brasil

Depois da viagem, Jelon deixou o grupo Viva Bahia e foi tentar a sorte em Nova York. Em 1975, ele abriu no bairro Soho, na ilha de Manhattan, o espaço que ele considera "a primeira escola de capoeira fora do Brasil".

Foi o início de uma carreira de sucesso - e que lhe deu uma condição financeira a que poucos mestres de capoeira poderiam almejar no Brasil.

A BBC News Brasil entrevistou Jelon Vieira em Salvador em janeiro de 2024, durante o 5º Rede Capoeira, evento que homenageou mestres de capoeira com papel central na história da modalidade.

Como Jelon, alguns dos homenageados decidiram deixar o Brasil em busca de melhores condições. E para um antigo companheiro de Jelon ali presente, a viagem à Bahia tinha um sabor especial.

ALEKSANDRA MINIC

a (em primeiro plano) durante apresentação do Grupo Viva Bahia

O retorno de João Grande

A tarde caía em Salvador, e uma multidão de capoeiristas aguardava em uma tenda ao lado do Mercado Modelo por uma das atividades mais esperadas do evento, classificado pelos organizadores como "o maior encontro de capoeira de todos os tempos".

"Filho, vem ver, é mestre João Grande", uma mulher sussurrou enquanto o público abria passagem para um homem negro com as costas envergadas pela idade.

Aos 91 anos, João Grande voltava para a mesma Bahia que o "expulsara" na década de 90, quando, incapaz de sobreviver da capoeira ali, seguiu os passos de Jelon Vieira e também se mudou para os Estados Unidos.

Desta vez, porém, ele era a grande estrela do evento - e motivo pelo qual muitos haviam viajado de diferentes partes do país até Salvador. Queriam ver, em carne e osso, um personagem que só conheciam de filmes, livros e músicas.

Ao lado de alunos estrangeiros, todos fluentes em português, João Grande deu uma oficina ao grupo. Movia-se com agilidade, indicando com as mãos como os movimentos deveriam ser feitos.

Depois, sentou-se e respondeu com sorrisos e acenos às homenagens dos participantes.

"Parece que estou no céu", ele disse à BBC dias depois, na casa espaçosa em Salvador em que se hospedou durante a estadia.

"Todos me tratam bem aqui, todos me ajudam", afirmou. Um cenário bastante distinto do que ele enfrentara ao longo de boa parte de sua vida.

Mestre João Grande é reverenciado pelo público em evento do Rede Capoeira em Salvador

Nascido em Itagi, no interior da Bahia, em 1933, João Oliveira dos Santos se mudou para Salvador na

juventude e trabalhou como empregado doméstico de uma família.

Em troca dos serviços, não recebia dinheiro, só comida e roupas. Depois, trabalhou em um depósito de cachaça, transportando a bebida "na cabeça, no jegue, entregando nos armazéns".

João Oliveira dos Santos só virou capoeirista depois de conhecer Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha (1889-1981), considerado o pai da Capoeira Angola.

Nessa vertente, o jogo costuma ser mais cadenciado e próximo do chão, ao passo que na Capoeira Regional, criada por mestre Bimba (1900-1974), os golpes são normalmente mais rápidos e desferidos em pé.

Mestre Pastinha ensinou capoeira ao jovem itagiense e o escolheu como um de seus discípulos ao lado de outro aluno, João Pereira dos Santos (1917-2011). Um virou João Grande, e o outro, João Pequeno.

Na época, João Grande tinha de conciliar a capoeira com outras atividades para pagar as contas. Em 1958, ele diz ter passado três meses como operário na construção da rodovia Belém-Brasília.

Em depoimento na tese "Mestre João Grande entre a Bahia a Nova York", com que Maurício Barros de Castro obteve o título de Doutor em História pela USP, em 2007, João Grande conta como praticava capoeira durante a obra.

"Treinava sozinho com as moitas e com os bichos", disse.

A experiência o remeteu à infância na roça, em Itagi, quando passava horas assistindo às danças de peixes e aves. Maravilhado com a capacidade que os bichos tinham de se mover sem jamais tocar uns aos outros,

levou isso para sua capoeira anos depois.

À BBC João Grande filosofa sobre essas conexões. "Capoeira é natureza. Tudo o que nós temos, dado por Deus, sai da capoeira, sai da natureza", afirma.

"Um pé de mato me ensina a jogar, um bicho ensina como é sua ginga", ele diz.

CAPOEIRA

CAPOEIRA ANGOLA CENTER OF MESTRE JOÃO GRANDE

Mestre João Grande em sua antiga academia de capoeira em Nova York

Anos depois de trabalhar na construção da rodovia, João Grande acompanhou mestre Pastinha numa viagem de grande simbolismo na história da capoeira.

Nela, brasileiros exibiram a modalidade no Festival de Artes Negras em Dakar, no Senegal, em 1966 - em viagem citada na música Triste Bahia, de Caetano Veloso ("Pastinha já foi à África/pra mostrar capoeira do Brasil").

Também integravam a comitiva brasileira o músico Paulinho da Viola, a ialorixá Olga de Alaketu e a cantora Clementina de Jesus, entre outros artistas afro-brasileiros.

João Grande diz que, na viagem, Pastinha fazia questão de destacar a origem africana de sua arte. "Ele dizia: 'isto é capoeira de vocês (africanos) que agora está com a gente lá, no Brasil'".

Alguns africanos reagiam com surpresa, e outros reconheciam semelhanças entre a capoeira e danças locais, conta João Grande.

Embora haja algumas teorias divergentes, a maioria dos estudiosos da capoeira afirma que a modalidade de fato tem raízes africanas.

"Quem inventa a capoeira são os africanos aqui no Brasil: uma mistura étnica de diversos grupos que vão se compor aqui e que vão fazer essa invenção", defende Antonio Liberac, capoeirista e professor titular de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Mas se africanos criaram a capoeira no Brasil, diz Liberac, foram brasileiros descendentes de africanos que

deram à modalidade a roupagem atual com que ela ganhou o mundo - e entre eles, João Grande.

"É um mestre espetacular, um dos principais responsáveis pela manutenção da tradição dessa capoeira do século 20", diz Liberac.

Para a etnomusicóloga Emília Biancardi, que conviveu com João Grande nas expedições do grupo Viva Bahia nos anos 1970, ele "é um dos únicos que realmente têm ainda uma verdade dentro da tradição que recebeu dos antepassados".

RICARDO PRADO/REDE CAPOEIRA

Mestres Sabiá e João Grande durante encontro de capoeira em Salvador

Do posto de gasolina a Nova York

Mas a fama e o talento como capoeirista não garantiram a João Grande uma vida confortável em Salvador.

As aulas e apresentações rendiam cada vez menos dinheiro, e ele chegou a ter de trabalhar como lavador de carros em um posto de gasolina. Em 1990, depois de anos de penúria, decidiu emigrar para os Estados Unidos

Ao se mudar para Nova York, que já visitara a convite do antigo parceiro Jelon Vieira, João Grande conseguiu viver só de capoeira e ganhou um reconhecimento que jamais tinha obtido no Brasil.

Em 2001, ele recebeu da agência do governo americano National Endowment for the Arts o National Heritage Fellowship, descrito pelo órgão como "a mais alta honraria da nação em artes folclóricas e tradicionais".

"Estamos muito felizes e orgulhosos de que ele faça parte da nossa cultura", disse o apresentador do prêmio antes de entregá-lo ao capoeirista.

João Grande disse à BBC que, ao se mudar para os EUA, queria evitar um final de vida parecido com o de seu mentor, mestre Pastinha, morto em 1981.

Cego, solitário e sem dinheiro, o criador da Capoeira Angola passou seus últimos dias morando de favor num quarto úmido e escuro do Pelourinho.

"Fiquei muito triste por não ter um recurso para ajudar ele", diz João Grande.

CENTRO DE REFERÊNCIA EMÍLIA BIANCARDI

Emilia Biancardi (segunda da dir. para esq.) ao lado de mestre Pastinha

'Vaquinha para pagar enterro'

Ao conceber o 5º Rede Capoeira para homenagear os velhos mestres, Jair Oliveira Júnior, o mestre Sabiá, disse que queria estimular uma reflexão sobre como o Brasil trata os pioneiros da modalidade.

Entre os capoeiristas homenageados pelo evento - 14 deles acima dos 80 anos -, vários hoje enfrentam dificuldades financeiras, segundo ele.

"Desde criança eu sempre via todos esses mestres em situações extremamente fragilizadas no final do seu ciclo de vida, e sempre se fazia uma vaquinha para pagar o enterro ou para dar algum tipo de assistência médica, comprar remédio", ele conta à BBC.

Não por acaso, diz Sabiá, até hoje muitos mestres resolvem sair do Brasil. Segundo o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), hoje mais de 150 países têm grupos de capoeira, muitos deles liderados por brasileiros.

Em vários desses países, a capoeira também está presente em escolas, e universidades convidam mestres brasileiros a lecionar em universidades - status que a modalidade nunca alcançou no Brasil.

GETTY

Apresentação de capoeira em frente à igreja Madeleine, em Paris

Por esses motivos, ao longo do evento em Salvador, vários participantes cobraram políticas públicas que amparem os mestres no fim de suas vidas e os encorajem a permanecer no Brasil.

"Esses caras não são só mestres, eles são heróis, porque venceram contra tudo e contra todos, e o mínimo que a gente poderia fazer era devolver a dignidade a eles", defende Sabiá.

Políticas para a capoeira?

A BBC questionou a ministra da Cultura, Margareth Menezes, sobre as cobranças de capoeiristas por políticas voltadas aos velhos mestres, como uma espécie de bolsa que os sustente no fim da vida.

Em entrevista em seu gabinete, em Brasília, a ministra disse considerar a capoeira "um dos grandes legados da cultura brasileira".

Menezes afirmou, no entanto, que "o Ministério da Cultura não tem (a possibilidade) de fazer uma ação direta, de fazer um tipo de bonificação".

A solução, segundo ela, seria a aprovação de um Projeto de Lei que busca a "proteção e promoção dos Mestres e Mestras dos Saberes e Fazeres das Culturas Populares".

O PL 1176, de 2011, está tramitando no Congresso e prevê, entre outros pontos, a concessão de bolsas e premiações para grandes mestres de diversas tradições populares, entre as quais a capoeira.

"O que nós podemos fazer é buscar com que o Congresso se sensibilize para que essa lei tramite logo", disse a ministra.

Ela afirmou ainda que outro objetivo de sua gestão é fazer com que artes da cultura popular - incluindo a capoeira - sejam ensinadas em escolas que adotem o ensino integral.

O pleito, segundo Menezes, está sendo tratado com o Ministério da Educação.

RICARDO PRADO/REDE CAPOEIRA

Mestres Jelon Vieira (à esq.) e Acordeon (pioneiro da capoeira na costa oeste dos EUA), em Salvador

Tesouro do Brasil... ou dos EUA?

Por ora, diz o mestre Jelon Vieira, há poucos incentivos para que capoeiristas que encontraram reconhecimento no exterior voltem a morar no Brasil.

Em 2008, sete anos depois de João Grande ser agraciado com o National Heritage Fellowship, Jelon foi convidado à Casa Branca para receber o mesmo prêmio. Na cerimônia, ouviu que ele era um "tesouro" para a cultura dos EUA.

Jelon descreve o que sentiu naquele instante. "Na minha cabeça veio: 'eu gostaria de ser o tesouro nacional do Brasil', ele conta.

"Afinal, eu me sentia um embaixador cultural, eu estava levando a cultura baiana e brasileira para o mundo", ele diz.

Na célebre Chiclete com Banana, gravada por Jackson do Pandeiro em 1959, os compositores Gordurinha e Almira Castilho prometeram só botar "bebop no meu samba quando Tio Sam tocar um tamborim".

O berimbau, ele já está aprendendo a tocar.

Tópicos relacionados

Esporte Cultura História Olimpíada Brasil

Histórias relacionadas

Como negros estão resgatando suas raízes na 'Suíça da América Latina'

12 setembro 2021

Como experimento com bonecas negras contribuiu para fim de segregação nas escolas dos EUA

4 agosto 2024

Os mestres que levaram capoeira ao mundo, mas lutam por valorização no Brasil

30 julho 2024

Principais notícias

Putin diz aceitar cessar-fogo mas quer discutir termos com 'EUA e parceiros'

Há 30 minutos

Frei Gilson: quem é o sacerdote anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo

Há 8 horas

Confisco da poupança por Collor: a estratégia desesperada e fracassada para combater a inflação

Há 1 hora

Leia mais

Trump é como um caudilho latino-americano, é menos limitado por preocupações morais, diz Joseph Nye

12 março 2025

Declaração do Imposto de Renda começa na próxima semana: quem precisa fazer, qual é o prazo e outras regras

12 março 2025

Alerta severo da Defesa Civil: o que é um local seguro para se proteger em caso de tempestade?

12 março 2025

É seguro voar de avião durante tempestades?

12 março 2025

Consignado CLT: as regras do novo tipo de crédito lançado pelo governo Lula

12 março 2025

A surpreendente vitória da oposição na Groenlândia em eleição marcada por ameaças de Trump e independência

12 março 2025

Proibição de laqueadura e vasectomia em jovens: o que está em jogo no julgamento do STF

12 março 2025

'A China considera Putin um fanático obsessivo, mas o quer no poder'

11 março 2025

O que está em jogo em julgamento sobre a morte de Maradona: 'Eles mataram Diego'

Há 7 horas

Mais lidas

1 O pequeno vilarejo da Dinamarca transformado pelo Ozempic

6 Por que torcidas organizadas de times de futebol se uniram a aposentados em protesto contra Milei

2 Frei Gilson: quem é o sacerdote anticomunista criticado pela esquerda e abraçado pelo bolsonarismo

3 A estrada construída para a COP30 em Belém que vai desmatar a Amazônia

4 A 'corrida armamentista' da Europa para declarar 'independência' dos EUA e fazer frente à Rússia

5 Confisco da poupança por Collor: a estratégia desesperada e fracassada para combater a inflação

7 Declaração do Imposto de Renda começa na próxima semana: quem precisa fazer, qual é o prazo e outras regras

8 As chocantes descobertas em local de 'recrutamento e extermínio' de cartel do México

9 Como Alzheimer deixou ator Gene Hackman sozinho em seus últimos dias: 'Era como se vivesse em um filme que se repetia'

10 Eclipse Lunar: como ver fenômeno que acontece esta semana

Por que você pode confiar na BBC

Termos de Uso

Cookies

Do not share or sell my info

Sobre a BBC

Contate a BBC

Política de privacidade

BBC News em outras línguas

© 2025 BBC. A BBC não se responsabiliza pelo conteúdo de sites externos. **Leia sobre nossa política em relação a links externos.**